



## A MORDAÇA: DRAMATURGIA DE UM CONFLITO

**Maria Amélia Dalvi** –maria.dalvi@ufes.br

Universidade Federal do Espírito Santo, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-8729-2338>

**Vitor Cei** – vitor.cei@ufes.br

Universidade Federal do Espírito Santo, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6756-3236>

**RESUMO:** Dramaturgia cômico-satírica que flerta com o teatro do absurdo, cuja cena ficcional é uma reunião de departamento em uma universidade pública, no contexto brasileiro coetâneo; define a artificialidade, a falta de uma perspectiva de totalidade em face da situação problemática e a hipocrisia como elementos nucleares dos discursos. A constelação de sujeitos ficcionais, em suas relações, faz emergir questões históricas, sociais e ideológicas, afins ao universo letrado. O argumento é a normalização da precarização do trabalho nas universidades. O protagonista, participante da luta sindical contra a hiperexploração e o adoecimento docente, reivindica a compatibilização entre sua jornada laboral e contratual; ao solicitar dispensa dos encargos excedentes, sua demanda é reendereçada ao campo pessoal, como algo a ser tratado na esfera privada, obnubilando a dimensão coletiva da questão. As interlocuções foram permeadas por estratégias que visavam ridicularizá-lo, revelando um ideário – que nega sistematicamente os direitos trabalhistas dos servidores públicos (por alienação, cinismo ou niilismo) e reprime a capacidade de criticar o presente e planejar o futuro – afim aos neofascismos contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dramaturgia; professores universitários; Universidade Pública; Sobrecarga de Trabalho.

*“Não é fácil enfrentar o monstro, sobretudo quando se descobre que você é parte dele”.*  
(Yuderkeys Espinosa Miñoso)

*“A mordaza aumenta a mordacidade”.*  
(Millôr Fernandes)

### COMÉDIA EM UM ATO

*Videoconferência no Google Meet, no caso de produção audiovisual; ou sala de reunião com carteiras organizadas em semicírculo, no caso de performance presencial. Nesta segunda hipótese, sugere-se que cada um tenha à sua frente um microfone, ainda que cenográfico.*

Chefa do Departamento (*simpática, dirigindo-se aos presentes*):

[movimenta a boca e gesticula, como se cumprimentasse as pessoas, mas é inaudível]

Professor K. Ha de Paw:

– Chefa (*alongando exageradamente o “a” final*), seu microfone está fechado! (*sorri artificialmente*).

Chefa do Departamento (*ainda simpática, dirigindo-se aos presentes*):

– Ai, obrigada, professor K. Ha de Paw. Agora sim: Boa tarde a todos, todas e todes (*ênfatiza exageradamente a última sílaba*).

(*Enquanto a chefe fala, alguns participantes sorriem, acenam com a cabeça, outros continuam visivelmente fazendo outras coisas, sem prestar atenção à reunião que começou.*)

Professora Sophia (*enfórica, solta um gritinho*):

– Isso! Adoro (*alongando exageradamente o “o” da sílaba tônica*) chefe inclusiva!

(*A professora Liz ostensivamente pega um espelho de bolso e fica se olhando, ajeitando o cabelo, retocando o batom.*)

Professora Liz:

– Muito elegante! Muito, muito elegante! (*Pronunciado de forma que não se sabe se a professora Liz refere-se a si mesma, após ajeitar o cabelo e retocar o batom; ao elogio feito pela professora Sophia à Chefe; ou à atitude inclusiva da própria Chefe*).

Chefa do Departamento (*com tom professoral*):

– Vocês me ouvem bem? Bom, como, nas últimas reuniões, temos tido problemas para nos ouvir, vamos combinar um procedimento padrão: quem quiser falar, use o microfone, ok? Ainda bem que temos esse recurso tecnológico para resolver nossos problemas de comunicação! Não queremos perder nenhuma palavra de ninguém, não é verdade?

Professora Liz (*sorrindo, buscando aprovação dos demais colegas, agindo de modo exageradamente simpático*):

– D'accord, d'accord! (*Outros colegas, com quase indiferença, acenam com a cabeça, ou fazem com as mãos sinal de “joia”, “ok” etc.*).

Chefa do Departamento (*ainda muito simpática, dirigindo-se aos presentes*):

– Já temos quórum e podemos começar a nossa reunião. Nossa pauta hoje é tranquila, acho que não vamos extrapolar o teto da reunião... Vamos começar pelos informes, enquanto isso outros colegas vão chegando e a gente entra na parte mais importante da reunião, a das decisões... (*a Chefe faz uma pequena pausa, respira fundo*). Pelo que eu anotei, há apenas um informe (*lé sem interesse, mecânica e burocraticamente*): “O Prof. J. Batista informa que registrou denúncia na Ouvidoria da Universidade, no dia 27 de julho de 2022, por ser obrigado a trabalhar mais de 40h semanais. Atualmente o professor pode comprovar 77 horas de trabalhos semanais, conforme tabela em anexo, mas é contratado para trabalhar 40 horas

semanais. O professor afirma que desde 2020 reivindica a compatibilização de sua jornada laboral com a carga-horária pela qual é contratado, sem sucesso.”. Passo a palavra ao professor.

Professor J. Batista (*cansado, com voz arrastada*):

– Os colegas que trabalham comigo no Programa de Pós-Graduação em Ficção já sabem que não é possível coordenar o programa e cumprir todos os outros encargos obrigatórios em 40 horas semanais. Eu reclamo da sobrecarga de trabalho desde 2020. Atualmente eu sou obrigado a cumprir uma jornada de 77 horas semanais, afrontando o que está estabelecido na legislação que rege nossa carreira. Só a coordenação do Programa leva 30 horas semanais, no mínimo; eu ainda sou obrigado a ministrar aulas, orientar alunos, desenvolver pesquisas, realizar atividades de extensão, atuar em bancas de mestrado e doutorado, participar de reuniões de departamento. Impossível.

*(O professor M. Enterre, visivelmente transtornado, pega uma porção de comprimidos e toma com um copo d’água, enquanto ouve Batista atentamente.)*

Professor K. Ha de Paw (*tom de voz esganiçado, interrompendo*):

– Questão de ordem, questão de ordem!

Chefa do Departamento (*preocupada*):

– Questão de ordem, K. Ha de Paw?

Professora Sophia (*lixando as unhas, ostensivamente, e roubando o turno de fala*):

– Gente, eu quero saber, só mesmo pra gente não se perder aqui, né? Pra não virar um caos... Esse informe do prof. J. Batista é pauta individual ou departamental? Porque, ó, minha opinião, tá? Respeitem minha opinião, por favor. Só tem que vir para o departamento o que for de interesse coletivo... Não tem que incluir tudo, tudo, tudo, na reunião (*as palavras “incluir” e “tudo” são pronunciadas com ênfase*).

Professor K. Ha de Paw (*concordando*):

– Isso, era exatamente isso o que eu iria dizer!

*(Os professores K. Ha de Paw e Sophia olham um para o outro, fazendo gestos amigáveis, para dizer que um está de pleno acordo com o outro, ou que um “leu” o pensamento do outro etc.)*

Chefa do Departamento (*séria*):

– Vamos deixar o prof. J. Batista concluir, pessoal? Professora Sophia, se quiser se manifestar, peço que se inscreva.

Professora Liz (*concordando enfaticamente, sempre de modo exageradamente simpático e buscando aprovação*):

– Isso, gosto de gente e-le-gan-te! (*Mais uma vez, pronunciado de forma que não se sabe se a professora Liz se refere a si mesma, à professora Sophia ou à atitude da própria Chefa*).

Professor J. Batista (*ainda cansado, com voz mais arrastada, respira fundo e retoma*):

– Como eu estava dizendo, o controle de horas trabalhadas segue o cálculo determinado pela resolução do Conselho de Ensino, Matemática, Pesquisa, Regulamento e Extensão, o Cempre; segue também o cálculo determinado pelo regimento geral da pós-graduação. Eu já conversei com a Chefa de departamento, com a diretora da nossa Faculdade, com o Pré-Reitor e uma vez até com o Reitor. O Pré-Reitor me deu algumas esperanças, mas disse que tudo depende da correlação de forças da próxima eleição... não sei se ele estava falando das eleições internas ou externas, isso eu me esqueci de perguntar. O importante é que solicitei a várias instâncias a adequação dos meus encargos, e ninguém me atendeu... Eu já não sabia mais a quem recorrer, não havia mais a quem recorrer institucionalmente... Então, eu conversei com os advogados do nosso sindicato...

Professora Marilyn (*que até então estava ostensivamente fazendo outra coisa, perguntando em voz audível para a pessoa sentada ao seu lado, no caso de encenação presencial, ou postando no chat da reunião, no caso de produção audiovisual*):

– Sindicato? Ainda existe sindicato hoje em dia? (*Faz uma cara artificial de espanto, e cobre a boca com a mão, em gesto exageradamente artificial, que redundava em ridicularização*.) Nossa, estou cho-ca-da! (*Movimenta a cabeça olhando para todos os colegas*.)

Chefa do Departamento (*esclarecendo, em um meio termo entre simpática e aborrecida*):

– A associação dos docentes! A associação dos docentes! (*as repetições são feitas com entonações bem diferentes*).

Professora Marilyn (*aliviada*):

– Ah, bom! Levei até um susto... Tanto tempo que eu não passo em frente à sede... Ainda fica no mesmo lugar? (*Pergunta, mas já volta a fazer outra coisa, ostensivamente*).

Professor J. Batista (*impaciente*):

– Posso continuar, senhora Chefa?

Chefa do Departamento (*sorrindo, acolhedora*):

– Claro, professor, por favor... (*faz um gesto apaziguador*).

Professor J. Batista (*já levemente irritado*):

– Como eu estava dizendo, desde 2020 eu venho repetindo que sou contratado por 40 horas de trabalho semanal e trabalho quase o dobro... nenhuma das instâncias às quais apresentei a situação ofereceu qualquer solução ou perspectiva de solução. Assim, decidi registrar uma denúncia na Ouvidoria: a universidade me obriga a fazer hora-extra não remunerada. Pedi o registro deste informe, para que os colegas tenham ciência do fato.

O. de Peroba (*blasê*):

– Eu me inscrevo!

Chefa do Departamento (*burocrática*):

– Pode falar! (*sem levantar a cabeça*).

O. de Peroba (*blasê*):

– Eu entendo o arroubo individual do colega como um pedido de ajuda. A ferocidade do discurso revela que esse digno homem não está no perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo. Afeta até a pele, o cabelo da pessoa!

*(A professora Liz pega novamente seu espelho e confere sua pele, seu cabelo.)*

*(Alguns colegas acenam com a cabeça, concordando discretamente, exceto a professora Sophia, que acena afirmativamente com a cabeça com efusividade, enquanto também indica sua posição com gestos manuais.)*

*(O professor M. Enterre franze a testa e chega o corpo para a frente, como se quisesse ouvir melhor.)*

*O professor K. Ha de Paw, aparentando estar completamente albeio à situação, tira meleca do nariz e faz bolinhas.)*

Professor J. Batista (*respondendo visivelmente irritado*):

– Quer dizer que a reivindicação de um direito coletivo está sendo entendida como um problema psíquico individual? O colega está equivocado. O problema é coletivo e estou tentando encontrar uma solução coletiva. O Programa de Pós-Graduação em Ficção ficou quase dois meses sem coordenação porque ninguém se dispôs a assumir a sobrecarga de trabalho! Nos últimos dez anos, apenas duas coordenadoras concluíram o mandato. Os outros não aguentaram. Um arroubo individual seria muito mais simples: renunciar ao encargo de coordenador. Mas assim o problema coletivo continuaria e se agravaria...

*(O professor M. Enterre pega uma porção de comprimidos ainda maior do que a primeira e toma com um copo d'água, enquanto ouve Batista.)*

Professora Marilyn (*interrompendo, arrogante*):

– O Peroba me faz crer que há centelhas de luz em meio à escuridão. Agradeça a Deus, professor J. Batista, por ter dado tanto sem nada exigir em troca. É um dom, uma dádiva! Uma chance que o divino lhe oferece para desenvolver sua resiliência, para provar seu mérito. Agora, se você, rejeitando esse presente, esse privilégio, essa chance, não suporta as pedras do caminho, o que o Departamento tem a ver com isso? Nada. Nós aqui somos em quantos professores? Desses professores, quantos estão lá no Programa de Pós-Graduação em Ficção? Poucos, quase ninguém. Se vocês, que lá estão, não dão conta de manter os cursos de mestrado e doutorado em Ficção funcionando, paciência, Batista. Sinceramente, só o que resta é paciência. Deus sabe o que faz. Vamos ter a serenidade de aceitar. Vamos fechar esses cursos de mestrado e doutorado em Ficção, e o problema se acaba. É a minoria quem tem que se curvar à maioria, e não o contrário.

*(A Chefa olha consternada a interrupção dos turnos de fala entre os professores, mas não interfere. Acompanha com os olhos arregalados, mas, logo a seguir, abaixa a cabeça e fica mexendo em papéis.)*

J. Batista (*ainda mais irritado*):

– Então a professora quer fechar um programa de pós-graduação que atualmente tem mais de cem alunos matriculados? Muitos desses alunos irão trabalhar nas escolas da rede pública, essa titulação é crucial para eles e para as próprias escolas públicas! E, para constar, já se formaram centenas de alunos, centenas! Eu só quero manter os cursos funcionando, com qualidade, sem acabar com a minha saúde – nem com a minha, nem com a de mais ninguém que venha a estar neste lugar de coordenação. Professora Marilyn, não podemos simplesmente fechar as portas e mandar os alunos atualmente em curso embora. Além disso, seriam muitas pessoas diretamente impactadas pelo possível fim do programa de Ficção! E

quantas outras mais impactadas pela falta de perspectiva de fazerem uma carreira na Ficção, aqui no nosso Estado, ao longo dos anos vindouros?

Chefa do Departamento (*tranquila*):

– A Lu pediu a palavra. Desculpem, aí, a Lu é muito minha amiga, eu misturei as coisas, né, gente?

A professora Luriane pediu a palavra (*sorrisos e movimentos apaziguadores com as mãos*).

J. Luriane (*limpando as lágrimas em silêncio*).

Chefa do Departamento (*preocupada*):

– Acho que a Lu precisa de 1 minuto.

Liz (*terna, quase maternal*):

– Lu, querida, seu rímel vai borrar... não é elegante...

P. Grimaldi (*curiosa*):

– Questão de ordem. Professor Batista, o que o senhor quer exatamente? Qual é a sua reivindicação?

Ainda o mesmo colega que interrompera a Chefa na abertura da reunião (*para de lixar as unhas, aponta com a lixa na direção do prof. João Batista, e usa um tom de voz debochado*):

– Aí o que eu estou falando desde o início...

J. Batista (*impaciente*):

– Ora, eu sou contratado para trabalhar 40 horas por semana e sou obrigado a trabalhar quase o dobro, sem receber hora-extra. Eu quero que os nossos direitos trabalhistas sejam respeitados. Eu sugiro que todos os colegas calculem seus encargos em horas trabalhadas e apresentem ao departamento. Se todos estiverem sobrecarregados, como eu suponho, nós vamos reivindicar a abertura de concurso público para contratação de novos servidores. Se por acaso alguém estiver trabalhando menos que o devido, nós podemos redistribuir os encargos.

(*Alguns colegas se entreolham, com visível deboche. Uma colega revira os olhos e, depois, olha o relógio. O colega que antes parecia alheio, por um breve instante, parece se concentrar na reunião, e agora começa a tirar cera do ouvido e*

*atirar as pelotas à distância. O colega que já tomou duas porções de comprimidos põe no pulso um aparelho de medir pressão arterial.)*

P. Grimaldi (*irônica ou cínica*):

– Desculpa, colegas. Eu não consigo ser tão otimista, sou pessimista. O professor Batista acha que a reitoria vai ficar com dó da gente e vai contratar mais professores? Não vai. Não adianta. O senhor anda lendo histórias da carochinha, professor?

O. de Peroba (*blasé*):

– Alguém está obrigando o professor Batista a ser coordenador? Alguém está forçando o professor a trabalhar na pós-graduação? O trabalho na pós-graduação é voluntário e opcional. Sai e se livra do problema. Se o Programa de Pós-Graduação em Ficção ficou dois meses sem coordenador, pode ficar mais dois meses. Deixa a situação se resolver. Só não pode querer resolver sozinho, com denúncia na Ouvidoria. O que é que a gente tem com os 69 alunos de doutorado que vão ficar sem concluir seu curso? Quem precisa de mais algum doutor em Ficção neste país? Faça-me o favor, professor Batista! Esses alunos e esses professores que atuam nesse programa não sabem disso? Universidade não é pra satisfazer o prazer pessoal, as questões afetivas de ninguém não... Tem que partir logo pra dureza da realidade, nua e crua. Doutorado em Ficção, mestrado em Ficção... sem paciência para isso, sinceramente.

J. Batista (*irritado*):

– Eu estou lidando com a realidade, professor O. de Peroba! Passei dois anos participando das mobilizações coletivas e não conseguimos nada. Conversei com a Lu, presidenta da nossa associação. Ela me orientou a conversar com a assessoria jurídica. Os advogados me orientaram a registrar uma denúncia individual, já que não há interesse em ação coletiva. Não quero resolver nada sozinho... aliás, meu problema é justamente porque estou recusando as saídas individuais... Vamos fazer, então, uma ação coletiva!

O. de Peroba (*impaciente*):

– Ninguém tem as receitas para solucionar os problemas do país. Só vamos encontrá-las unidos, mas unidos não quer dizer que a gente tenha que agir coletivamente. O negócio é a gente interagir, buscar interfaces entre nossos posicionamentos, assumindo uma postura afetiva... Querer obrigar todo mundo a olhar para *seu* problema é algo inadmissível. O que que eu tenho a ver com a pós-graduação em Ficção? Nada, gente, nada. É uma questão óbvia. Não é difícil entender, professor. Mas o senhor se recusa a lidar com a realidade... terapia, o negócio é terapia!

Colega que fica se olhando no espelho (*concordando, simpática*):

– Tem razão. Deselegante...

Marilyn (*arrogante*):

– Batista, vou te dar um conselho: trabalha e confia! Trabalha como se tudo dependesse de ti e confia como se tudo dependesse de Deus. Na verdade, tudo depende *mesmo* de Deus. Nós, os seres humanos, é que não entendemos os desígnios divinos. Nesta guerra do bem contra o mal, os filhos de Deus se levantam como sal e luz do mundo. (*Marilyn olha para o alto, fecha os olhos e junta as mãos em posição de prece*)

J. Luriane (*aguerrida*):

– A reivindicação do Batista é legítima. O registro na Ouvidoria e o informe na reunião são ações individuais, mas o professor Batista defende uma causa coletiva. Há semanas a comunidade universitária discute as propostas que modificariam o cômputo da carga horária docente, invisibilizando ainda mais o nosso trabalho de planejamento, formação, pesquisa, extensão e até mesmo ocupação de funções de gestão nos cursos de graduação, pós-graduação e no sindicato, já precarizados com a normativa vigente. Nem a proposta de alteração feita pela Comissão de Política Decente, nem a resolução vigente normatizam com justeza o cômputo de carga horária na universidade. Em todas as plenárias e assembleias o discurso do professor sempre foi a favor do coletivo. Os debates têm sido muito produtivos. A categoria está envolvida com a pauta e preocupada com os rumos da carreira e com o risco que todas e todos correm, assim como a própria universidade. A categoria precisa estar consciente de sua condição enquanto classe trabalhadora.

Colega que não tinha falado nada durante a reunião (*em tom de superioridade, fazendo algum gesto místico*):

– Eu estou blindada contra essa negatividade de vocês!

Chefa do Departamento (*preocupada*):

– Lu e Batista, não pensem em crise, trabalhem. Quem aceita cargo de chefia precisa assumir a responsabilidade. Não pode ficar preocupado com pesquisa, com grupo de pesquisa, com evento acadêmico, com publicação, com orientação de aluno... O trabalho de gestão atrapalha a produção. Paciência. Quando terminar o mandato, volta a pesquisar. Já tem muito texto no mundo pra ler... para que precisa de mais texto, gente? Não precisa.

Colega que fica sempre se olhando no espelho (*mimetizando a célebre frase da jornalista Sandra Annenberg, no mesmo tom*):

– Que deselegante!

Fonseca (*cansado*):

– Não vamos conseguir deliberar nada. Melhor retirar o assunto de pauta.

J. Batista (*irritado*):

– Pauta?!? Mas nem é um ponto de pauta! Estou apenas fazendo um informe! Não tenho direito mais nem a solicitar o registro de um informe?

J. Luriane (*convicta*):

– Precisamos fortalecer, coletivamente, uma mobilização imediata. Não há prazo, carga horária, produtividade, projeto, nada mais importante do que dedicar-se a essa luta coletiva. Não tenhamos vergonha de encarar a situação que o prof. João Batista está apontando. Ele anuncia, hoje, uma situação que em breve será realidade para todos nós... Precisamos resistir. Tenhamos vergonha não de lutar, com a dignidade e respeito que a classe trabalhadora merece, mas de fingir que não estamos ouvindo sua voz que clama.

J. Batista (*melancólico*):

– Que fascismo ordinário! Não dizem *Arbeit macht frei* porque não sabem falar alemão.

Colega que fica sempre se olhando no espelho (*com tom de voz empastado, arregala os olhos, como quem faz uma grande revelação*):

– Tem toda razão, colega. Uma questão de inseparabilidade ético-estética, *tout court!* (*Pensativa*) Mas acha mesmo que em alemão seria elegante?

Chefa (*animada*)

– Que Deus tenha piedade da alma do Batista. Deus abençoe a todos vocês!

Narrador, em *off*: Imagina-se a consternação do restante da universidade, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Batista ensandecera; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis – ou mansos, e até engraçados, conforme as versões.

***Title***

The gag: dramaturgy of a conflict.

***Abstract***

This one-act play employs a comic-satirical dramaturgical approach, drawing inspiration from the Theatre of the Absurd, to explore the normalization of precarious work in universities. Set in a contemporary Brazilian public university during a department meeting, the act focuses on the artificiality, fragmented perspectives, and underlying hypocrisy embedded within the characters' discourses. The interactions between these fictional subjects expose historical, social, and ideological issues related to the academic environment, particularly concerning the treatment of university workers. The protagonist challenges the administration's demands for increased workload, which conflict with their contractual agreement. When requesting exemption from these excessive workloads, his demand is redirected to the personal field, as something to be dealt with in the private sphere, obfuscating the collective dimension of the issue. The conversations within the meeting are permeated by strategies that aim to ridicule him, revealing an ideology that systematically denies the labour rights of public servants (out of alienation, cynicism, or nihilism) and represses the ability to critically evaluate the present and plan for the future – aligning with contemporary neo-fascist tendencies.

***Keywords***

Dramaturgy; University professors; Brazilian public university; Work overload.

---

Recebido em: 30/10/2023

Aceito em: 15/04/2024